



# COBERTURA VACINAL E PREVALÊNCIA DE TUBERCULOSE EM CRIANÇAS MENORES DE UM ANO NA REGIÃO NORDESTE ANTES E DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: UM ESTUDO ECOLÓGICO

Cleo Sousa Martins<sup>1</sup>, Jade Souza Martins<sup>2</sup>, Pedro Henrique de Araujo<sup>3</sup>

1. Afa Faculdade de Ciências Médicas de Jaboatão dos Guararapes; 2. Faculdade Pernambucana de Saúde; 3. Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde.

## INTRODUÇÃO E OBJETIVO

A semelhança com a clínica da Covid-19 e a diminuição de serviços de saúde para outras doenças durante a pandemia, ocasionou dificuldades no diagnóstico e a redução da disponibilidade de imunizantes para a tuberculose (TB). O estudo tem como objetivo analisar a quantidade de doses da BCG aplicadas e a prevalência de casos de TB em crianças <1 ano no Nordeste durante e após a pandemia da Covid-19.

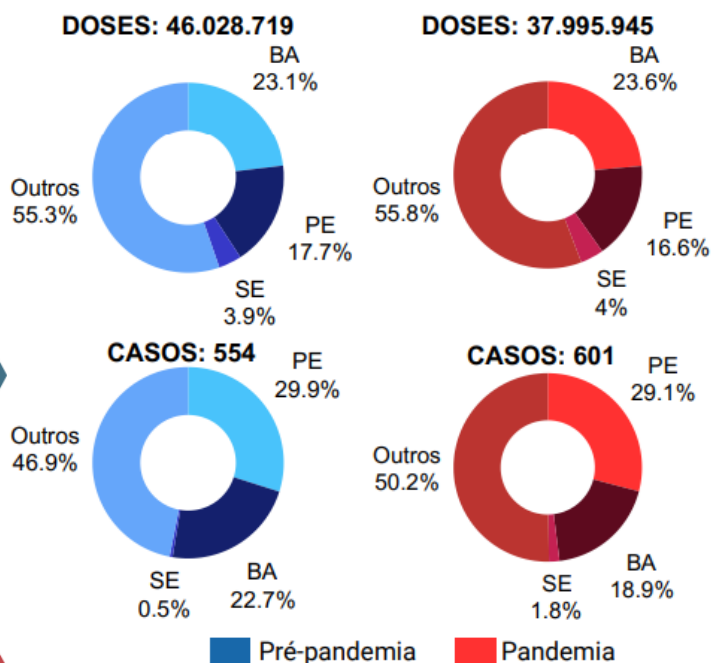
## MATERIAL E MÉTODO



## RESULTADOS

Durante a pré-pandemia foram aplicadas 46.028.719 doses de BCG em <1 ano, enquanto na pandemia, 37.995.945 doses. 2015 foi o ano com maior quantidade de doses, enquanto 2021, o de menor. A Bahia (BA) foi o estado com mais doses aplicadas na pré-pandemia, representando 23,1% delas, seguido de Pernambuco (PE) com 17,7%, enquanto Sergipe (SE) teve a menor quantidade, com 3,9%. No período de pandemia, a BA teve a maior quantidade com 23,6%, seguido de PE com 16,6% e SE a menor quantidade, com 4% das doses. Tratando-se dos casos

de TB, houveram 554 durante a pré-pandemia, comparado com 601 durante a pandemia. 2015 teve a menor quantidade de casos e 2022 a maior. PE abarcou o maior número de casos durante a pré-pandemia, com 29,9%, seguida da BA com 22,7%. SE teve a menor quantidade durante a pré-pandemia, no total de 0,5%. Já na pandemia, PE teve 29,1% dos casos, seguido da BA com 18,9%, enquanto SE teve a menor marca, com 1,8%.



## DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Observou-se um decréscimo de 17,4% de imunizantes durante a pandemia em relação à pré-pandemia. Contudo, houve aumento de 7,8% de casos de TB. Os anos com maior quantidade de casos e de menor de doses foram anos de pandemia, enquanto o de menor quantidade de casos e maior de imunizantes foi um ano pré-pandemia. Tais dados estão em conformidade com a pesquisa realizada por Defeo et al. (2023), em que dentre crianças atendidas em um ambulatório universitário em Minas Gerais, as nascidas entre 2018-2020 apresentaram maior atraso vacinal. O presente estudo apresenta limitações, como a subnotificação e a impossibilidade de associação de causa e efeito.